

Comentários sobre o testemunho em “A terceira margem do rio”, de João Guimarães Rosa

Comments on the testimony in “The third bank of the river”, by João Guimarães Rosa

Thalisson de Oliveira Machado*

Resumo: “A terceira margem do rio”, do autor João Guimarães Rosa (1908-1967), apresenta uma clara estrutura testemunhal. Apesar dos inúmeros estudos acerca do conto, ainda há aspectos a serem explorados, notadamente em relação ao caráter testemunhal do conto. Uma questão não respondida: quais são os limites do testemunho do personagem-narrador? Em sua maioria, os estudos já existentes buscam analisar o conto a partir de perspectivas relacionadas à loucura ou ao paroxismo do pai canoieiro (Albert, 2003; Goulart, 2013). Mas talvez seja possível e interessante aprofundar uma análise do conto à luz de outras obras do autor cujas estruturas também simulam um testemunho. As obras mencionadas aqui, a modo de comparação, são *Grande Sertão: Veredas* e “Campo Geral” — textos do famoso ciclo de 1956, portanto anterior às *Primeiras Estórias*. Não menos importantes para a reflexão sobre o caráter testemunhal da obra são as fontes que aprofundam e problematizam conceitos de testemunho e seu relacionamento intrínseco com a literatura (Derrida, 2015; Benjamin, 1995; Felman, 2014; Sarlo, 2007; Seligmann-Silva et al., 2009). A partir de uma análise com base nessas referências, é possível chegar a algumas considerações. Talvez a principal delas nos diga que o componente metafísico e transcendental do conto (relacionado a seu caráter insólito, paradoxal), diz respeito não tanto à loucura, mas ao próprio testemunho; mais precisamente à sua possibilidade (e, também, à sua impossibilidade) de pôr em palavras acontecimentos catastróficos, sejam coletivos ou individuais.

Palavras-chave: testemunho, literatura comparada, João Guimarães Rosa

Abstract: “The third bank of the river”, by the author João Guimarães Rosa (1908-1967), presents a clear testimonial structure. Despite the numerous studies on the short story, there are still aspects to be explored, notably in relation to the testimonial character of the short story. An unanswered question: what are the limits of the character’s testimony? Most of the existing studies seek to analyze the tale from perspectives related to the madness or paroxysm of the canoeist father (Albert, 2003; Goulart, 2013). But perhaps it is possible and interesting to deepen an analysis of the short story in the light of other works by the author whose structures also simulate a testimony. The works mentioned here, by way of comparison, are *The Devil to Pay in the Backlands* and “General Field” — texts from the famous 1956 cycle, therefore prior to the *First Stories*. No less important for the reflection on the testimonial character of the work are the sources that deepen and problematize concepts of testimony and its intrinsic relationship with literature (Derrida, 2015; Benjamin, 1995; Felman, 2014; Sarlo, 2007; Seligmann-Silva et al., 2009). From an analysis based on these references, it is possible to reach some considerations. Perhaps the main one tells us that the metaphysical and transcendental component of the short story (related to its unusual, paradoxical character) concerns not so much to madness, but testimony itself; more precisely its possibility (and its impossibility) of putting catastrophic events, whether collective or individual, into words.

Keywords: testimony, comparative literature, João Guimarães Rosa

* Aluno de graduação do curso de Letras Português/Inglês no Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Osório, Osório, RS, Brasil. E-mail: 08320233@aluno.osorio.ifrs.edu.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0007-0975-9813>. DOI: <https://doi.org/10.51359/1984-7408.2024.264151>. O presente artigo foi orientado pelo Prof. Dr. Abel da Silveira Viana, a partir da participação no projeto de iniciação científica intitulado “Literatura e Testemunho: os casos de Guimarães Rosa e Clarice Lispector”.

1. Introdução

Primeiro, cabe dizer que não se busca aqui contrariar as diversas análises de viés psicológico¹ acerca do conto “A terceira margem do rio”, mas propor uma breve análise com foco no caráter testemunhal do conto. Encontramos em muitos textos de João Guimarães Rosa construções de caráter testemunhal. É o que fica explícito, por exemplo, em passagens como a do texto “Entremeio – com o vaqueiro Mariano”: “Também as estórias não se desprendem apenas do narrador, sim o performam; narrar é resistir” (Rosa, 2021, p. 98); ou esta, de *Grande Sertão: Veredas*: “Narrei ao senhor. No que narrei, o senhor talvez até ache mais do que eu, a minha verdade” (Rosa, 2021, p. 529). Entre tantas possibilidades, trabalharemos “A terceira margem do rio”, presente nas *Primeiras Estórias*, publicado originalmente em 1962. Além disso, com o propósito de vislumbrar um recurso literário estruturante na obra de Guimarães Rosa, abordaremos outras duas obras do autor: *Grande Sertão: Veredas* e “Campo Geral”, ambas do ciclo de 1956.

É importante ressaltar também que não pretendemos *rastrear* um testemunho de João Guimarães Rosa através de sua obra. Em outras palavras, o texto não buscará uma análise autobiográfica do autor por meio dos textos. Dito isso, buscaremos no texto a possibilidade do testemunho, visando mostrar que em Rosa existe um processo desconstrutivo do trauma, que parte do pressuposto de que, ao narrar uma estória, estamos resistindo. A palavra *resistir* nos leva, conseqüentemente, à outra palavra: *sobreviver*. A sobrevivência é o que possibilita o testemunho.

Jacques Derrida (2015) afirma que a impossibilidade é circunstancial no testemunho na medida em que transporta em um movimento anacrônico o passado para o presente, “[...] pois todo testemunho convoca essencialmente um determinado regime de crença, uma crença sem prova, um ato de fé evocada por um tipo de sermão transcendental, e, também, a crença em uma ordem do tempo” (Derrida, 2015, p. 58). “A terceira margem do rio” possui algumas das características citadas acima. Quando, no relato, o pai quebra a estrutura do cotidiano (a partir de um ato, em si mesmo, difícil de entender e de expressar), o testemunho ganha uma dimensão transcendental e, portanto, paradoxal. Os acontecimentos mais importantes no testemunho são aqueles mais difíceis de serem ditos — o que vale dizer, aqueles menos confiáveis. Por isso a busca incessante do narrador em dar coerência, sentido ao seu testemunho e, por conseguinte, ao ato de seu pai.

2. O aspecto paradoxal do testemunho

¹ Neste texto, o termo *psicológico* diz respeito à realidade psíquica que, segundo Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (1988, p. 646), objetiva mostrar a existência do sujeito, ao mesmo tempo em que afasta o próprio sujeito da realidade material, aproximando-o da fantasia.

Em 1962, era publicado por João Guimarães Rosa o livro *Primeiras Estórias*, composto por 21 contos, entre eles “A terceira margem do rio”². De modo geral, temos o testemunho de um filho que presencia, ainda cedo, a partida do pai, que manda construir uma canoa e adentra o rio sem dar qualquer explicação à família: “Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais” (Rosa, 2019, p. 33). Dessa situação insólita, temos o título do conto.

Como apresentado por Paulo Rónai (2020), percebe-se nas personagens dos diversos contos do livro *Primeiras Estórias* duas categorias, representadas por loucos e crianças: “[...] campo propício à invasão do irreal, do irracional, do mágico — numa palavra, da poesia” (Rónai, 2020, p. 143). “A terceira margem do rio” pertence ao universo dos loucos e das crianças. Citando Carl Jung, Dante Moreira Leite, na obra *Psicologia e Literatura*, afirma:

Essa literatura decorre de uma visão ‘que é verdadeira expressão simbólica – isto é, a expressão de algo realmente existente, mas imperfeitamente conhecido’. Essa visão ultrapassa a experiência humana e pode ser indicada por intuições de coisas desconhecidas e escondidas (Jung *apud* Leite, 2002, p. 192).

Essa expressão *simbólica* é testemunhada a partir do filho. É ele quem nos permite adentrar na complexidade da estória. Mas, apesar de o filho testemunhar os instantes — quase uma vida toda — do distanciamento do pai, ele permanece sem compreender os motivos que levaram a uma ação tão incomum. O narrador não nos permite adentrar em seu psicológico, não nos permite descobrir os segredos. Conforme Derrida (2015, p. 40), trata-se de “testemunhar um segredo, declarar que existe o segredo, porém sem revelar o coração do segredo”. O testemunho do filho é incompleto, fragmentário. Esse testemunho imperfeito, como qualquer testemunho, a partir da perspectiva abordada pela crítica argentina Beatriz Sarlo, pode ser considerado matéria-prima, “pois quem deveria ter sido o sujeito em primeira pessoa do testemunho está ausente, é um morto do qual não existe representação vicária” (Sarlo, 2007, p. 34). Percebe-se que a matéria que dá possibilidade ao testemunho do filho é o pai; é o personagem do pai quem deveria ser o sujeito, a primeira pessoa do testemunho.

Em seu testemunho, há dois momentos que quase fazem do filho matéria propriamente dita, ou seja, a primeira pessoa do testemunho. Primeiro, quando, ainda no começo do conto, o filho pede para ir junto com o pai na canoa: “O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — ‘Pai, o senhor me leva junto, nessa sua

² Guimarães Rosa, em tom confessional, no livro *Tutameia*, revela como algumas estórias surgem para o escritor. Por exemplo, “Buriti”, novela que encerra *Corpo de Baile*, surge, segundo o escritor, em um sonho que se repete duas noites seguidas em 1948 (Rosa, 2009). No que tange “A terceira margem do rio”, o autor revela: “A Terceira Margem do Rio (Primeiras estórias) veio-me, na rua, em inspiração pronta e brusca, tão ‘de fora’, que instintivamente levantei as mãos para ‘pegá-la’, como se fosse uma bola vindo ao gol e eu o goleiro” (Rosa, 2009, p. 239). Apesar de formulada acerca do conto, isto é, “de fora”, essa afirmação diz do aspecto misterioso, transcendental do conto em sua própria concepção.

canoa?’ Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás” (Rosa, 2019, p. 33-34). Nesse primeiro momento, o pai recusa o filho. Porém, já ao fim do relato, há um outro momento, quando o filho afirma ter tido a ideia de substituir o pai na canoa, mas, ao perceber que o pai poderia aceitar a troca de papéis, foge, com medo. Nesse segundo momento, que é o ponto alto da culpa testemunhada, é o filho quem recusa o pai.

Há, da parte de parentes, amigos e até mesmo de pessoas de fora da comunidade, diversas tentativas de resgatar o pai; todas frustradas. Com o passar do tempo, a família se desestrutura, desmantela-se e, por fim, há a própria extinção da família. O único que permanece estático, parado no tempo, é o filho, ainda preso à esperança, talvez não do retorno do pai (retorno esse que, durante o relato, já se sabe que não aconteceu), mas do desvendar do mistério. Assim elabora Derrida (2015, p. 54): “[...] a testemunha não é sempre um sobrevivente? Isso pertence à estrutura testemunhal. Só se testemunha lá onde se viveu mais tempo do que aquilo que acabou de acontecer”. Percebe-se que o filho é o único que sobrevive, ou seja, ele é o único que permanece com os acontecimentos em si, com a possibilidade (ou a impossibilidade) de restituir a estória para a história. Segundo Sarlo (2007, p. 35), “o testemunho dos que se salvaram é a ‘matéria-prima’ de seus leitores ou ouvintes, que devem fazer algo com o que lhes é comunicado e que, justamente porque conseguiu ser comunicado, é só uma versão incompleta”. Ao mesmo tempo em que o testemunho do filho é uma versão incompleta, ela é a versão mais completa — eis o paroxismo inerente a qualquer testemunho.

Então é importante, ao tratarmos do conto, refletir sobre a relação entre experiência e sua capacidade de transmissão (Benjamin, 1994). Podemos pensar que sem experiência não há o que testemunhar, ou seja, seria preciso narrar o acontecimento para, a partir de então, termos o testemunho, “[...] a relação inseparável entre experiência e relato; e também o fato de que chamamos experiência o que pode ser posto em relato, algo vivido que não só se sofre, mas se transmite” (Sarlo, 2007, p. 26). Ter a consciência dessa tríade — experiência, narração e testemunho — parece fundamental. Walter Benjamin (1994, p. 198) vai afirmar que: “Com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável”. O fato de voltarem mudos advém dos absurdos incomunicáveis vividos na guerra. O trauma leva a testemunha a buscar esquecer os acontecimentos violentos, como mecanismo de defesa. “A terceira margem do rio” é o testemunho de um acontecimento absurdo, de algo insólito e, assim, incomunicável.

A própria personagem do filho traz à tona a possibilidade de tudo se passar no campo aporético da loucura: “Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos” (Rosa, 2019, p. 38). Essa passagem pode, à primeira vista, parecer contraditória, já que o filho busca dar coerência ao seu testemunho. Ao trazer ao

relato a questão da loucura, o narrador inclui em seu testemunho a dúvida acerca do próprio testemunho. Entretanto, é importante notar que essa autodesignação problemática do sujeito que testemunha é indissociável do testemunho (Sarlo, 2007).

Encontramos em *Grande Sertão: Veredas* uma situação semelhante. Nesse caso, a palavra autodesignada por Riobaldo é a mentira, do falso (Galvão, 1972), o que se faz visível no trecho: “O senhor mire e veja, o senhor: a verdade instantânea dum fato, a gente vai departir, e ninguém crê. Acham que é um falso narrar” (Rosa, 2021, p. 387). Há na estrutura desses textos um testemunho que assume uma dimensão transcendental³, recurso usado muitas vezes por Guimarães Rosa.

Nesse sentido, Márcio Seligmann-Silva expõe com clareza aforística essa relação entre potência do testemunho e sua relação com a razoabilidade dos acontecimentos: “[...] o impossível que persuade é preferível ao que pode acontecer, mas não é persuasivo” (Seligmann-Silva, 2009, p. 136)⁴. Nos textos de estrutura testemunhal de Rosa, quando o transcendental tem lugar, por um lado, a veracidade do testemunho assume segundo plano; por outro, o testemunho se torna mais persuasivo.

Podemos perceber que esse movimento, presente em *Grande Sertão*, é semelhante em “A terceira margem do rio”. Temos dois narradores atormentados pela culpa e pela dúvida. O que difere é o modo de exclusão que implica a dúvida. Para um, a ideia da loucura, seja do narrador, seja do pai — os familiares, sem formular explicação alguma acerca das motivações que levaram o pai a adentrar o rio, logo tornaram-se objeto de curiosidade local e, logo na sequência, os moradores passam, então, a formular hipóteses para as escolhas nada convencionais que envolvem a personagem do pai: “Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira” (Rosa, 2019, p. 34); para o outro, a dúvida sobre o pacto com o diabo, sobre o certo e o errado, a verdade e a mentira, sobre sua sexualidade. Em uma passagem em que salva Zé Bebelo, ao dizer aos colegas jagunços

³ Aqui não se atribui à palavra “transcendental” qualquer sentido restrito, por tanto; a palavra é tomada em seu sentido lato. Entretanto, recomenda-se a leitura dos artigos “A insatisfação com as margens do rio” (2013), de Audemaro Taranto Goulart, e “Finitude e transcendência em ‘A terceira margem do rio’” (2003), da autora Andréia Dutra Albert. Ambos os textos aprofundam o aspecto transcendental e/ou misterioso do conto.

⁴ Seligmann-Silva chega a questionar a possibilidade de a confissão final referente a Diadorim ser mentirosa: “Diadorim na verdade, é claro, na verdade da ficção, era um homem” (Seligmann-Silva, 2009, p. 144). Porém, na perspectiva assumida nesta reflexão, entendemos que a possibilidade da mentira no testemunho de Riobaldo está dada desde as primeiras linhas da obra: “— Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja” (Rosa, 2021, p. 13). Como diria Walnice Nogueira Galvão: na narrativa de Riobaldo tudo é e não é (Galvão, 1972). Por exemplo, do encontro entre Diadorim e Otacília testemunha-se uma disputa entre duas mulheres: “Digo ao senhor que alegria que me deu. Ela não gostava de Diadorim — e ele tão bonito moço, tão esmerado e prezável. Aquilo, para mim, parecia um milagre. Não gostava? Nos olhos dela o que vi foi asco, antipatias, quando em olhar eles dois não se encontraram. E Diadorim? Me fez medo. Ele estava com meia raiva. O que é dose de ódio — que vai buscar outros ódios. Diadorim era mais do ódio do que do amor? Me lembro, lembro dele nessa hora, nesse dia, tão remarcado. Como foi que não tive um pressentimento?” (Rosa, 2021, p. 173). Vamos ter também, de maneira menos teórica e mais confessional, esse mesmo questionamento em carta de Manuel Bandeira a Rosa: “E o caso de Diadorim, seria mesmo possível? Você é dos gerais, você é que sabe. Mas eu tive a minha decepção quando se descobriu que Diadorim era mulher” (Bandeira, 1957, n.p.).

que o chefe Joca Ramiro queria o inimigo vivo, Riobaldo afirma: “A que nem não sei como tive o repente de isso dizer — falso, verdadeiro, inventado...” (Rosa, 2021, p. 226).

3. Rememorar as lembranças: o pai, Diadorim e Dito

Ainda tratando-se do testemunho, temos, de forma implícita ou explícita, uma relação testemunho-julgamento. A partir do momento em que estamos a relatar um testemunho a outrem, estamos dando a esse outrem o poder de julgamento sobre o que está a ser testemunhado (Seligmann-Silva, 2010). A partir do momento em que o filho testemunha sua experiência, o leitor pode julgá-lo louco, pelo caráter insólito do testemunho apresentado.

Felman reflete sobre uma característica do testemunho, destacando sua ligação à memória em seu sentido coletivo:

A imortalidade torna do outro. A vida pode tornar-se imortal somente na medida em que é ligada às vidas de outros. O que é imortal é o outro, não o eu. O que é imortal é, em outras palavras, não o narrador, mas a própria narrativa da repetição, uma narrativa que, repetida no mínimo duas vezes, não é simplesmente individual (Felman, 2014, p. 79).

Riobaldo afirma que com o fim da guerra, torna-se um ex-jagunço. Quando a estória está sendo contada, apresenta-se como fazendeiro estabelecido, alguém que tem disponibilidade de tempo e que necessita transmitir seu testemunho. Porém, o doutor da cidade não é a primeira pessoa com quem ele compartilha os acontecimentos marcantes de sua vida. O próprio testemunho inclui o fato de a estória estar sendo contada pela terceira vez. Em uma passagem, ao final do longo relato, afirma, referindo-se ao momento logo após o fim da guerra: “[...] naqueles três dias, [Zé Bebelo] não descansou de querer me aliviar, e de formar outros planejamentos para encaminhar minha vida” (Rosa, 2021, p. 534). O outro a quem Riobaldo já havia testemunhado é Quelemém, alguém indicado pelo próprio Zé Bebelo:

Compadre meu Quelemém me hospedou, deixou meu contar minha história inteira. Como vi que ele me olhava com aquela enorme paciência — calma de que minha dôr passasse; e que podia esperar muito longo tempo. O que vendo, tive vergonha, assaz (Rosa, 2021, p. 535).

O testemunho de Riobaldo se imortaliza como memória no processo de (re)contar, o que implica, no texto, isto é, no próprio testemunho, a ideia de processo de simbolização dos acontecimentos. Projeto de antemão sem sucesso, mas processo fundamental para a sobrevivência. O sentido dos acontecimentos cuja violência torna impensáveis tem lugar apenas no momento do relato. No caso de *Grande Sertão*, o que de fato chega ao leitor é a terceira versão do testemunho de Riobaldo: “Ao considerar o passado acabamos dando-lhe novas significações, o que faz com que os indivíduos repensem os fatos e acabem referindo-os mais de uma vez, a fim de tentar certificar-se, ou precisar melhor, o dito” (Costa, 2008, p. 9).

É ainda possível e, aqui, importante estabelecer uma conexão com outra narrativa de Guimarães Rosa: “Campo Geral”. Como já afirmamos anteriormente, no livro *Primeiras Estórias*, as personagens principais podem ser divididas em duas categorias: loucos e crianças (Rónai, 2020). Nela temos como personagens centrais figuras marginalizadas pela sociedade. “Rosa costuma elevar personagens marginais — meretrizes, loucos e irmãos menores — a especialistas do ver e do fazer-ver” (Rosenfield, 2002, p. 16).

Na novela “Campo Geral”, as personagens principais são os irmãos Dito e Miguilim, duas crianças. Ainda que sua narrativa esteja em terceira pessoa, o narrador tem onisciência exclusivamente em relação ao pensamento de Miguilim, de modo que a própria linguagem assumida na narrativa é a de uma criança — pensar poético, por natureza. Digamos, então, que não está ausente o *eu* do testemunho, o que temos é um testemunho que usa de uma máscara. Narrador e Miguilim estão exatamente no mesmo *nível* na narrativa.⁵

Em termos estruturantes na construção da narrativa, o narrador de “Campo Geral” só tem conhecimento daquilo que Miguilim presenciou ou viveu diretamente. Há aqui uma semelhança com o narrador do conto “A terceira margem do rio”. Temos de ressaltar o fato de que o narrador que se apresenta em terceira pessoa não é uma entidade no sentido de ser onisciente e onipresente, pelo contrário, apesar de colocar-se em terceira pessoa, esse narrador tem uma identidade. “Em ‘Campo Geral’ há uma parceria entre o narrador e Miguilim, a voz reflexiva dentro da narração” (Silva, 2015, p. 11).

Há outras máscaras e entrelaçamentos no *Corpo de Baile* (Rohden, 2015). Miguilim é o Dr. Miguel, da novela “Buriti”. Chegamos a duas observações. Apesar de apresentar-se em terceira pessoa, o relato é de Miguilim adulto, que rememora sua própria infância como a de uma outra pessoa. A outra observação diz respeito à importância do tempo na narrativa, um tempo que não é baseado na cronologia, mas na importância dos acontecimentos. Essa característica, muito presente nos três textos, é uma das principais marcas do testemunho. Dr. Miguel estaria no presente — fase adulta — contando a história de sua infância, trazendo para o seu presente a personagem Miguilim.

A questão central é que há nos três textos uma busca dos narradores — Dr. Miguel/Miguilim, Riobaldo e o Filho — no sentido de testemunhar para preservar a memória de outro que é, na verdade, a testemunha primeira do relato, aquela pessoa que,

⁵ Essencialmente, existe uma relação narrador-personagem que, segundo Jean Pouillon, no seu livro *O tempo no romance*, é construída a partir do termo *visão com*. Esse conceito, de acordo com Ligia Chiappini Moraes Leite, no livro *O foco narrativo* (Pouillon, 1946 *apud* Leite, 2007, p. 19-21), seria uma espécie de onisciência exclusiva a um único personagem. Cabe destacar que a teoria apresentada por Pouillon busca relacionar questões narrativas ao tempo (Leite, 2007). A teoria assume, então, notável relevância no caso de *Corpo de Baile* (Silva, 2015), uma vez que “Campo Geral” abre a sequência de sete novelas. “Buriti”, por sua vez, é a novela que encerra *Corpo de Baile*. Ao ler a obra, podemos notar que a primeira e a última novela unem o conjunto de novelas, principalmente quando descobrimos que Miguilim e Dr. Miguel são uma mesma personagem, apenas afastados no tempo. Mas, por outra, também podemos dizer que, devido ao tempo transcorrido, são duas personagens, como o narrador de “O Instante de Minha Morte” na análise de Derrida (2015).

por ter vivido os acontecimentos integralmente, não sobreviveu para narrar: Dito, Diadorim e o Pai. Os narradores querem preservar e transmitir o legado daqueles. Para além de transmitir o legado, querem entender-se dentro desse processo traumático do testemunho; querem entender por que sobreviveram (Derrida, 2015). É importante lembrar que Riobaldo participa de uma guerra longa e cheia de mortes. Já “A terceira margem do rio” e “Campo Geral” não abordam fatores bélicos em seus contextos. Temos a violência presente no testemunho de Miguilim, sofrida ou presenciada por ele, certamente um dos mais enigmáticos entre os textos de Rosa. Em “A terceira margem do rio”, o personagem-narrador testemunha a ausência de sentido de uma ação não violenta, mas que marca violentamente a vida do filho.

Giorgio Agamben (2008) vai nos lembrar da origem da palavra *testemunha*:

Em latim, há dois termos para representar a testemunha. O primeiro *testis*, de que deriva o nosso termo testemunha, significa etimologicamente aquele que se põe como terceiro (**terstis*) em um processo ou em um litígio entre dois contendores. O segundo, *superstes*, indica aquele que viveu algo, atravessou até o final um evento e pode, portanto, dar testemunho disso (Agamben, 2008, p. 27, grifo do autor).

Riobaldo narra a travessia, não como alguém que está do lado de fora do testemunho, ele é parte dos acontecimentos daquilo que está narrando, sua posição testemunhal se assemelha à de *superstes*. O mesmo ocorre em “Campo Geral”, Miguilim está narrando a sua conturbada infância, é parte integrante da vida da personagem. Porém, esses narradores também narram sobre um outro que não sobreviveu: Dito e Diadorim. Além disso, ou por isso, eles se colocam como outro em relação aos personagens que viveram os acontecimentos. Entre os três, talvez apenas o filho poderia, em princípio, ser pensado como *testis*. Porém, o poder de sua linguagem, suas admissões de culpa, o caráter paradoxal e transcendental de seu relato o coloca no centro dos acontecimentos. Sua vida para no tempo depois da ação insólita do pai.

Ainda, é interessante perceber que “Miguilim, por sua vez, assume o dito do Dito para ser feliz, ser alegre com a morte que tece a vida” (Rohden, 2015, p. 46). Miguilim assume o legado que Dito verbaliza, transmite como experiência, momentos antes de morrer:

Miguilim, Miguilim, vou ensinar o que agorinha eu sei, demais: é que a gente pode ficar sempre alegre, alegre, mesmo com toda coisa ruim que acontece acontecendo. A gente deve de poder ficar então mais alegre, mais alegre, por dentro!... (Rosa, 2019, p. 86).

Já Riobaldo depara-se com o mistério da personagem Diadorim, ao descobrir seu nome verdadeiro, Maria Deodorina Fé Bettancourt Marins, segundo ele, aquela “[...] que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor... [...]” (Rosa, 2021, p. 533). O *sentido* do relato se encontra verbalizado ao final do romance. Ou seja, é fruto do testemunho, mas não significa uma verdade

imutável, é apenas algo válido no instante do testemunho, que poderia facilmente ser questionado, no instante seguinte, pelo próprio Riobaldo. Ainda parece mais sábio assumir a ambiguidade que, segundo Walnice Nogueira Galvão (1972), é o princípio organizador do romance. Essa mesma ambiguidade, aliás, pode ser ampliada também para o testemunho de uma maneira geral. Acerca da ambiguidade, Walnice, na introdução de *As formas do falso*, diz: “Nas linhas mais gerais tem-se o conto no meio do romance, assim como o diálogo dentro do monólogo, a personagem dentro do narrador, o letrado dentro do jagunço, a mulher dentro do homem, o Diabo dentro de Deus” (Galvão, 1972, p. 13).

4. O lugar do pai

Derrida afirma que “a ideia de um testemunho secreto seria uma contradição em termos” (2015, p. 40). Partindo dessa perspectiva de (re)contar histórias e de se fazer imortal através do outro, podemos chegar a um questionamento: a quem estaria o narrador de “A terceira margem do rio” confiando o testemunho seu e de seu pai?

O filho é um remanescente de sua própria história, permeada pela representação do *eu*, um *eu* condenado ao silêncio, pela ausência das palavras. Essa ausência de palavras e esse silêncio são vinculados ao trauma. Temos aí a literatura relacionada “[...] por meio do sem-expressão, não só a um silêncio e a uma mudez, mas também a um momento que conota morte, trauma e petrificação” (Felman, 2014, p. 42). O filho se torna alguém oprimido pela culpa, traumatizado em tamanho grau que vive da rememoração dos acontecimentos, buscando expiar o que considera sua culpa: “Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? [...] Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse — se as coisas fossem outras. E fui tomando ideia” (Rosa, 2019, p. 37-38). Percebe-se que, a partir do ponto em que o filho anuncia que foi “tomando ideia”, seu testemunho transcende o imaginário e se efetiva em algo real. Não por acaso, pela primeira vez o pai vai ao encontro do filho:

Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: — *“Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...”* E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo. Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n’água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão (Rosa, 2019, p. 38, grifo do autor).

Essa fuga multiplica exponencialmente a culpa do filho; sua ideia tomada como algo que o iria salvar acabou por torná-lo mais paralisado. Após esse acontecimento, o pai, que até então representava uma presença ausente, acaba por se ausentar por

completo. Importante ainda reparar que, a respeito desse acontecimento, que julga central em seu testemunho, a personagem se ausenta de palavras, ou melhor, de pensamentos cujas palavras representem aquele instante. O que ele descreve nesse trecho são ações: *Corri, fugi, desatinado e arrepios de cabelo*. São todas ligadas ao corpo, sensações corporais, logo passíveis de rememorar com maior clarividência. Por outro lado, os sentimentos, as ideias, sensações ligadas àquele instante, não são por natureza passíveis de uma fácil rememoração. Há algo semelhante no testemunho de Riobaldo, no que se refere ao surgimento do corpo e da memória de sensações, isto é, de uma memória do corpo, nos momentos mais marcantes, mais traumatizantes, do relato (Viana, 2019)⁶. Derrida (2015, p. 75) comenta o paradoxo dessa “[...] experiência insólita e ao mesmo tempo banal. Cada um de nós pode dizer a cada instante: pois bem, não me lembro bem o que senti, não posso descrever o que senti naquele momento; é impossível, não posso analisá-lo, em todo caso”.

O acontecimento que merece ser testemunhado sempre apresenta algo insólito, inconcebível ao ponto de escapar à significação; ao ponto de não poder ser simbolizado em discurso. Testemunhar o sentido do acontecimento seria impossível. Se no momento-instante em que foi vivenciada essa passagem não foi possível compreender o que acontecia, podemos pensar que no testemunho, isto é, no presente do testemunho de um acontecimento, então perpétuo ainda que do passado, também haverá dificuldade, ou mesmo a impossibilidade, de termos um testemunho pleno, sem falhas, tanto para o narrador-testemunha, quanto para o leitor.

Vale ainda outra observação referente à passagem que aqui se julga central no conto. Segundo Georges Didi-Huberman, “para saber é preciso tomar posição” (2017, p. 15), e ainda: “Não se sabe nada na imersão pura, no ‘em si’, no terreno do ‘perto demais’. Não se saberá nada, tampouco, na abstração pura, na transcendência ativa, no céu do ‘longe demais’” (Didi-Huberman, 2017, p. 16). No decorrer do conto, o filho se apresenta assolado pelas incertezas: “Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos” (Rosa, 2019, p. 35). Seu testemunho nos diz que, depois do momento em que é tomado pela ideia de aproximar-se do pai e é, de certa forma, correspondido, a imersão pura — o estar “perto demais”, no caso, do pai — leva o filho a uma tomada de decisão: ele decide, talvez inconscientemente, não saber. O que justifica, explica o fato de o filho ter fugido do encontro com o pai. Há algo forte demais a ser descoberto, de tão difícil compreensão, que se torna preferível não descobrir, não compreender as razões da ação do pai.

⁶ Já na reta final de *Grande Sertão: Veredas* (2021), vamos presenciar algo semelhante, quando Hermógenes, principal antagonista, encontra Diadorim para um confronto nada amigável, tendo por resultado a morte de ambos. Porém, durante o duelo, Riobaldo está estabelecido a uma curta/média distância do embate entre Diadorim e Hermógenes. Sendo assim, Riobaldo narra desse momento suas vertigens, desfocando dos detalhes do embate: “— eu me, em mim, gemi: alma que perdeu o corpo. O fuzil caiu de minhas mãos, que nem pude segurar com o queixo e com os peitos. Eu vi minhas agarras não valerem! Até que trespassei de horror, precipício branco” (Rosa, 2021, p. 524).

Para saber é preciso tomar posição, o que supõe mover-se, e constantemente assumir a responsabilidade de tal movimento. Esse movimento tanto é “aproximação” quanto “afastamento”: aproximação como reserva, afastamento como desejo. Ele supõe um contato, mas o supõe interrompido, se não for quebrado, perdido, impossível ao extremo (Didi-Huberman, 2017, p. 16).

Segundo seu testemunho, paradoxalmente, depois do movimento de aproximação, que sugere também uma imposição perante o pai, temos um afastamento, uma recusa ao pai. A responsabilidade, a consciência dessa rejeição ganha força no testemunho: “E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão” (Rosa, 2019, p. 38). Podemos ainda perceber que, quando decide de maneira inconsciente não tomar a posição do pai, sobrevém a culpa, “[...] porque o sobrevivente vive o sentimento paradoxal da culpa da sobrevivência” (Seligmann-Silva, 2010, p. 10). A personagem sobrevive com a culpa de ter recusado o lugar do pai. Decorrente dessa recusa, vamos ter o desaparecimento e, assim sendo, a morte do pai, presente no testemunho do filho; afinal, ele continua sendo aquele que testemunha em nome de quem não viveu para testemunhar sua própria experiência. Eis o segredo do testemunho. Testemunha-se a existência do segredo, da impossibilidade de dizer; não se testemunha o conteúdo do segredo, uma vez que ele é desconhecido da própria testemunha, no caso do conto, do filho e narrador (Derrida, 2015).

É importante aprofundar uma noção apresentada anteriormente, referente à *matéria* do testemunho, para entendermos mais uma faceta de sua complexidade:

Os que não foram assassinados não podem falar plenamente do campo de concentração; falam então porque outros morreram, e em seu lugar. Não conheceram a função última do campo, cuja lógica, portanto, não se operou por completo neles (Sarlo, 2007, p. 34).

A personagem do filho não pode chegar ao limite do testemunho, a partir do momento em que recusa tomar a posição do pai na canoa. Não tomar a posição do pai implica a sobrevivência do filho e a morte do pai. O testemunho do pai escapa da própria condição de testemunha; a personagem do pai não pode oferecer ao filho uma experiência comunicável, pois ele está no espectro do não-dito.

De modo radical, não se pode representar os ausentes, e dessa impossibilidade se alimenta o paradoxo do testemunho: quem sobrevive a um campo de concentração sobrevive para testemunhar e assume a primeira pessoa dos que seriam os verdadeiros testemunhos, os mortos (Sarlo, 2007, p. 35).

A partir de então, o testemunho se torna reduzido à condição de sobrevivente do filho: “O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele aguentava. [...] Não adoecia? E a constante força dos braços, para ter tento na canoa, resistido [...]” (Rosa, 2019, p. 35-36). Percebe-se que o único com capacidade de responder tais questões seria o pai, na condição limite do testemunho. Dada a complexidade da rede testemunhal, o filho não pode representar o lugar do pai e, por conseguinte, formular

entendimentos sobre a experiência, única, do pai. O que a personagem do filho pode — e faz — é testemunhar os acontecimentos presenciados por ele; em outras palavras, como ele, no lugar de sobrevivente, encara as ações do pai. “Essa perspectiva do testemunho é dubitativa e finalmente cética quanto a seu poder de restauração do sujeito-testemunha, e poderia explicar o destino suicida de alguns ‘sobreviventes’ [...]” (Sarlo, 2007, p. 36). Aqui chegamos a uma questão importante: enquanto em *Grande Sertão* Riobaldo parece se encontrar no processo de cura por meio do seu testemunho; em “A terceira margem do rio”, vamos ter o filho como que definindo à medida que seu testemunho, ainda pouco elaborado, tenta avançar.

Enquanto o testemunho de Riobaldo parece chegar, pelo menos em parte, ao mistério de Diadorim, o filho testemunha principalmente o peso de sua culpa. Podemos encontrar no testemunho de Riobaldo muitos acontecimentos da sua estória esclarecidos para si próprio (em grande parte em suas conjecturas metafísicas extremamente profundas). A sequência que encerra o romance, antes da Lemniscata, é: “Nonada. O Diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é o homem humano. Travessia” (Rosa, 2021, p. 536).

Podemos perceber que em ambos os testemunhos destaca-se um tom de confissão. Ainda que em “A terceira margem do rio” não seja possível identificar um narratário, o conto também assume traços confessionais, como em *Grande Sertão: Veredas*. Porém, o testemunho presente no conto não se encontra em um processo de cura, assumindo o texto ares mais pessimistas. Sarlo nos lembra que “para Levi, seu testemunho não representa uma epifania do conhecimento nem tem poder de cura da identidade. É, simplesmente, inevitável por motivos psicológicos e morais” (Levi *apud* Sarlo, 2007, p. 36). Neste espectro testemunhal se encontra o testemunho do filho: não o processo de cura pela palavra, mas os ensejos de morte. Ele afirma: “Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio” (Rosa, 2019, p. 38). Não há no conto epifanias, muito menos relativas a temas metafísicos (suporte para a simbolização dos eventos traumáticos). No testemunho do filho há perguntas, dúvidas; não há respostas para as ações do pai. “[...] a história jamais poderá ser totalmente contada e jamais terá um desfecho, porque nem todas as posições podem ser percorridas e sua acumulação tampouco resulta numa totalidade” (Sarlo, 2007, p. 42). Na verdade, também não podemos afirmar que o testemunho de Riobaldo seja objetivo e definitivo; porém, é possível perceber que, pelo menos enquanto testemunha, Riobaldo organiza suas ideias por meio das palavras, o que se justifica pelo fato de estar testemunhando por uma terceira vez. E, assim, encontra algum alívio, algum sentido, pelo menos no instante do testemunho.

Tomando a morte do pai como acontecimento concreto, as possibilidades do filho se reduzem a zero quanto à oportunidade de obter um conhecimento das motivações que levaram o pai a adentrar o rio e de lá não sair. Isso é a derrocada do filho, já que ele dedica

a vida em prol do pai: “[...] diz-que-disseram: que constava que nosso pai, alguma vez, tivesse revelado a explicação, ao homem que para ele aprontara a canoa. Mas, agora, esse homem já tinha morrido, ninguém soubesse, fizesse recordação, de nada, mais” (Rosa, 2019, p. 37). Por não chegar a nenhum entendimento em relação aos acontecimentos; por ter fugido no momento em que, supostamente, poderia encontrar as respostas, isto é, o sentido de sua própria vida, a personagem se encontra, durante e, principalmente, ao final do testemunho, metaforicamente morto. Seu testemunho ainda precisaria ser trabalhado, para que ele pudesse *voltar à vida*, voltar ao tempo presente. Diferentemente de Riobaldo, que por ter testemunhado mais de uma vez a violência que vivenciou — a ponto de, em *Grande Sertão*, chegar a simbolizar, justificar, metafisicamente sua travessia —, a projeção que se faz ao final do testemunho do filho do homem da canoa, é a da própria morte do narrador.

5. Considerações finais

Visou-se, aqui, buscar lançar luz sobre o caráter estruturalmente testemunhal do conto “A terceira margem do rio”, já que a fortuna crítica sobre o texto, em sua maioria, aborda-o a partir de perspectivas alegóricas e psicológicas. Nessa linha surgiu a questão: é possível atribuir coerência, sentido, para o testemunho da personagem do filho? Textos teóricos e críticos referentes à relação testemunho-literatura mostram que o “sentido” do testemunho não é algo objetivo, uma verdade exposta no momento do relato, mas sim algo que diz respeito à própria sobrevivência do sujeito do testemunho. A estrutura do conto — embora transcendental — é pertencente à estrutura testemunhal.

Ampliando um pouco mais o *corpus* roseano, vamos encontrar também na principal obra de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, uma estrutura testemunhal. Essa característica levou não apenas a algumas breves observações comparativas entre essas duas narrativas, mas também a uma visada maior sobre a obra do autor, de modo a mostrar que muitos textos (contos, romances e novelas) na obra de Rosa têm estrutura testemunhal. Entre tais textos, merece destaque “Campo Geral”, por se tratar de um texto narrado em terceira pessoa, mas com claras características de um testemunho.

Tal recorrência estrutural na obra de Guimarães Rosa confirmou a possibilidade de uma análise do conto “A terceira margem do rio” a partir de conceitos relacionados ao testemunho, ou melhor, à relação testemunho-literatura (Derrida, 2015; Sarlo, 2007; Seligmann-Silva, 2009; 2010). No percurso desta reflexão, foi possível descrever o testemunho como um conceito altamente complexo, em que se fundem dicotomias, como possibilidade ou impossibilidade, verdade e mentira ou, no caso do conto em questão, loucura e lucidez — o que nos leva à ideia do testemunho como algo intrinsecamente paradoxal. Digamos que, no conto, desconsiderada a possibilidade de loucura por parte do narrador, temos o filho ocupando o lugar do sobrevivente, posição com a qual coincide qualquer testemunho.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. A testemunha. *In*: AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 25-49.
- ALBERT, Andréia Dutra. Finitude e transcendência em “A terceira margem do rio”. *Revista Contexto*, Espírito Santo, n. 10, p. 84-91, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/6792>. Acesso em: 07 set. 2024.
- BANDEIRA, Manuel. [Correspondência]. Destinatário: João Guimarães Rosa. [S. l.]. 13 mar. 1957. Disponível em: <https://www.revistaprosaveroearte.com/joao-guimaraes-rosa-carta-de-manuel-bandeira-o-romance-de-riobaldo/>. Acesso em: 12 nov. 2023.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- COSTA, Rosilene Silva da. Riobaldo: rememorando para viver o que faltava. *Nau Literária*, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 1-12, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/6140/0>. Acesso em: 02 set. 2023.
- DERRIDA, Jacques. *Demorar*. Maurice Blanchot. Florianópolis: editora UFSC, 2015.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. A posição do exilado. *In*: DIDI-HUBERMAN, Georges. *Quando as imagens tomam posição*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017. p. 15-38.
- FELMAN, Shoshana. *O Inconsciente Jurídico: Julgamento e Traumas no século XX*. São Paulo: Edipro, 2014.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Introdução. *In*: GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso: um estudo sobre a ambiguidade no Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Editora perspectiva, 1972. p. 11-17.
- GOULART, Audemaro Taranto. A insatisfação com as margens do rio. *Sapere Aude*, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 465-476, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/5496>. Acesso em: 07 set. 2024.
- LEITE, Dante Moreira. A análise de Carl G. Jung. *In*: LEITE, Rui Moreira (Org.). *Psicologia e Literatura*. São Paulo: UNESP, 2002. p. 191-198. Livro eletrônico.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. As “visões” de Jean Pouillon. *In*: LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O Foco Narrativo*. São Paulo: Ática, 2007. p. 19-21.

ROHDEN, Luiz. Entre filosofia e literatura: exercício de transfigurar a morte para viver. *In*: ROHDEN, Luiz (Org.). *Entre filosofia e literatura: recados do dito e do não dito*. Belo Horizonte: Relicário, 2015. p. 40-58. Livro eletrônico.

RÓNAI, Paulo. *Rosa e Rónai: o universo de Guimarães Rosa por Paulo Rónai, seu maior decifrador*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. Livro eletrônico.

ROSA, João Guimarães. Sobre a escova e a dúvida. *In*: ROSA, João Guimarães. *Tutameia*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009. p. 224-253.

ROSA, João Guimarães. Campo Geral. *In*: ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim*. São Paulo: Global, 2019. p. 15-115.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. *In*: ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. São Paulo: Global, 2019. p. 33-38. Livro eletrônico.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

ROSA, João Guimarães. Entremeio: com o vaqueiro Mariano. *In*: ROSA, João Guimarães. *Estas Estórias*. São Paulo: Global, 2021. p. 90-128. Livro eletrônico.

ROSENFELD, Kathrin. Apresentação. *In*: LAGES, Susana Kampff. *João Guimarães Rosa e a saudade*. São Paulo: Ateliê, 2002. p. 13-19.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das letras; Belo horizonte: Editora da UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Grande Sertão: Veredas como gesto testemunhal e confessional. *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 1, p. 130-147, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/yVcBx745WkQX8TBPNy4GmyK/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, vol. 2, n. 1, p. 3-20, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/1894>. Acesso em: 14 ago. 2023.

SILVA, Franklin Leopoldo e. O universo concentrado: narração e reflexão em “Campo Geral”. *In*: ROHDEN, Luiz (Org.). *Entre filosofia e literatura: recados do dito e do não dito*. Belo Horizonte: Relicário, 2015. p. 9-21. Livro eletrônico.

VIANA, Abel Silveira da. *Corpo e linguagem em Grande Sertão: Veredas ou “a verdade instantânea dum fato” “sem tempo nenhum para pensamento”*. 2019. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215107>. Acesso em: 17 out. 2023.

Recebido em 07 de setembro de 2024

Aceito em 31 de outubro de 2024



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).